



HAL
open science

**“Ensaio para o fim dos tempos”, notas e comentários a
“O Tempo Indomado” de José Gil, Colóquio-Letras 208,
Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, setembro de
2021, pp. 215-220.**

Ana Paixao

► **To cite this version:**

Ana Paixao. “Ensaio para o fim dos tempos”, notas e comentários a “O Tempo Indomado” de José Gil, Colóquio-Letras 208, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, setembro de 2021, pp. 215-220.. 2021. hal-04319747

HAL Id: hal-04319747

<https://hal.parisnanterre.fr/hal-04319747v1>

Submitted on 5 Dec 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L’archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d’enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

José Gil, *O Tempo indomado*, Lisboa, Relógio d'Água, 2020.

Ensaio para o fim dos tempos¹.

« Qu'est-ce que la philosophie,
sinon un dialogue sur le temps,
sur les traces, sur les tracés ? »²

Em 2020, o mundo parece ter-se convertido num monstro de indisponibilidade com a pandemia e a falta de controlo científico, social e político sobre um vírus em mutação. A ameaça pairava anteriormente, encoberta pela aceleração descontrolada, pelo capitalismo desenfreado e pelo desequilíbrio climático. José Gil dá-nos a observar o caos, converte-nos em espetadores do mundo, contempladores das Casas do Parlamento em chamas do quadro de Turner que ilustra a capa³. Relembra-nos que, tal como eles, estamos embarcados, somos passageiros do tempo à semelhança de Blaise Pascal, e que este incêndio é também o nosso.

Neste presente, filósofo e homem comum partilham a mesma condição: situam-se «nos limites do pensamento», a bordo de um «turbilhão incessante» (p.12) que parece condenar o trabalho do filósofo a «um golpe de inutilidade» (p. 10). José Gil procura estratégias de «domesticação do tempo» (p. 12) que se adaptem ao vórtice do presente, já que todas as questões de pensamento são problemáticas de ritmo, de velocidade e de andamento, como bem salientou Patrice Loraux⁴. Na introdução define-se assim uma nova missão para a filosofia que consiste em «retirar um pouco de caos e cavalgá-lo» (p. 12), desafio que a obra assumirá para si própria.

Em *Caos e Ritmo*, José Gil havia analisado, a partir de Hesíodo, de que modo a desorganização caótica preside à ordem do mundo, e como cada temporalidade tem a sua lógica singular de circulação de forças⁵. Em *O Tempo Indomado* buscam-se os territórios, exploram-se os perímetros e os cruzamentos do caos, articulando-o com a criação artística, e simultaneamente com a catástrofe letal. A obra apresenta essa dupla face: em anverso surge o caos sensível, criativo, associado à linguagem, à arte como movimento e como eternidade, nos pontos 1 a 3; o reverso corresponde aos escritos da pandemia agrupados no ponto 4. A reflexão assenta em momentos de ressonância do passado, de focalização num presente de impossibilidade e clausura, e de indisponibilidades futuras.

¹ Paráfrase ao *Quarteto para o fim dos tempos* de Olivier Messiaen, escrito em 1940, no campo de concentração de Stalag VIII, na Polónia.

² Jacques Derrida, *Penser à ne pas voir. Ecrits sur les arts du visible 1979-2004*, Paris, Editions de la différence, 2013, p. 81. «O que é a filosofia a não ser um diálogo sobre o tempo, sobre os traços-vestígios, sobre os traçados?».

³ *The Burning of the Houses of Lords and Commons 16 October 1834* (1835), de William Turner, numa referência também simbólica no ano do Brexit.

⁴ Cf. Patrice Loraux, *Le Tempo de la pensée*, Paris, Seuil, 1993.

⁵ José Gil, *Caos e Ritmo*, Lisboa, Relógio d'Água, 2018, pp. 376-393.

Ressonâncias

«El tiempo es un problema para nosotros, un tembloroso y exigente problema, acaso el más vital de la metafísica; la eternidad, un juego o una fatigada esperanza»⁶.

José Gil retoma e aprofunda neste livro conceitos operativos de reflexão estética e hermenêutica que tem vindo a apresentar em obras anteriores, especialmente em *Caos e Ritmo* (2018), *Movimento Total – o Corpo e a Dança* (2001) ou *O Imperceptível Devir da Imanência* (2008). Noções analíticas como as de «infralíngua» e «corpo-de-fuga», a reativação do critério estético na arte contemporânea, ou a noção de eternidade aplicada à criação artística respondem a problemáticas imanentes à produção crítica do autor, sobre as quais este livro continua a refletir de forma coerente e ressonante.

Apresentando a arte como ordenadora do caos, a primeira parte da obra mostra de que modo a produção criativa pode ser alimentada pela desordem ou pela imprevisibilidade, uma vez que a arte nasce «no intervalo entre o caos e a linguagem» (p. 19). José Gil responde à questão «Quem ordena o caos?» (p. 15), explora os mecanismos desse agenciamento e esclarece de que forma o pré-verbal ressoa na obra de arte.

Do ponto de vista da receção artística, o caos sensível abre ainda a possibilidade de rutura com a alienação atual, ao permitir a criação de ressonâncias com o mundo através do objeto artístico⁷. O criador visa o universal e o atemporal eterno, e simultaneamente convoca os afetos que se apropriam de momentos específicos: o ódio é uma projeção futura, a tristeza e a vergonha anulam o presente. José Gil dá-nos a ver o filamento que cose os fios das temporalidades às emoções trazidas pela arte, numa urdidura que se tece a partir do corpo. Realça ainda de que modo a perceção do tempo é influenciada pela perceção das emoções, já que a consciência temporal é criada pela não coincidência de ritmos (p. 69).

A reflexão sobre as interconexões entre tempos, movimento e afetos, assim como o campo semântico e metodológico desta análise são extremamente pertinentes para o estudo das relações intersemióticas, para as pesquisas hermenêuticas e de receção textual e artística, assim como para as correspondências entre arte-tempo e arte-perceção. A partir do agenciamento do caos sensível, cria-se um modelo de análise do processo criativo e da obra de arte, gerando um quadro conceptual válido para os estudos artísticos, interartísticos e de perceção.

A partir deste ponto, a obra abre-se para a indisponibilidade de agora, tal como a conhecemos desde 2020, começando por questionar o fim da eternidade (p. 91).

⁶ Jorge Luís Borges, *Historia de la eternidad*, Madrid, Debolsillo, 2017, p. 13. «O tempo é um problema para nós, um tenebroso e exigente problema, talvez o mais vital da metafísica; a eternidade, um jogo ou uma cansada esperança».

⁷ Uma abordagem complementar a esta pode ser encontrada em Georges Didi-Huberman, *Devant le temps. Histoire de l'art et anachronisme des images*, Paris, Editions de minuit, 2010, onde o tempo é relido a partir de objetos artísticos e vice-versa.

Claustração

«[...] irreversibility does not lead to a contradiction with the basic physical laws.

The laws of physics are compatible with lots of possible worlds:

there could be no earth, no life, no humans».⁸

O Tempo Indomado desvela a disrupção cronológica e mostra como «a pandemia inaugurou o tempo da instabilidade permanente, que se instalou para ficar» (pp. 141-142). O presente é assim domado pelo medo, outra noção tão explorada por José Gil em livros anteriores⁹. A obra projeta-se numa ameaça apocalítico-claustrofóbica que tudo arrasta e arrasa, desde o desaparecimento do corpo empírico que se tornará corpo biónico incapaz de sentir, à falta de controlo sobre um vírus mutante, ou à catástrofe do aquecimento climático. José Gil parece resgatar as causalidades das cadeias teleológicas da modernidade e da história, tal como haviam sido definidas por Georg Simmel¹⁰, para assumir a impossibilidade de coesão destas cadeias que comportam demasiados elos e variáveis. Assim sendo, e seguindo o princípio da relatividade einsteiniana, «a única continuidade temporal será a descontinuidade» (p. 143)¹¹, conduzindo o planeta e a espécie a um inexorável abismo.

Esta segunda parte da obra intitulada «Escritos da pandemia» analisa de que modo as perceções cronológicas e de espaço se alteraram com os sucessivos confinamentos e a imersão no virtual. O quotidiano passou assim a oscilar entre uma «odisseia do espaço doméstico»¹² e a ubiquidade do ciberespaço numa virtualização da vida. O «capitalismo numérico» (p. 101) contagia todos os domínios da ação humana, como o vírus contagiou todos os territórios.

A paragem da economia global e a suspensão do tempo durante os sucessivos meses de confinamento tornaram a população mundial consciente de uma existência enquanto «comunidade humana global» (p. 124), dando a ver de que modo a catástrofe climática se tem mantido em suspenso, sendo mais visível agora que o presente passou a ser planetário. A paralisia pandémica não gerou sobressaltos, novas organizações sociais ou novos valores. Deixou-nos em suspenso, em claustração, como se «o tempo fosse o outro nome da morte»¹³.

⁸ J. Bricmont, «Science of Chaos or Chaos in Science?», in *ArXiv*, arXiv:chao-dyn/9603009v1, 22 Mar 1996. «[...] a irreversibilidade não leva a uma contradição com as leis físicas básicas. As leis da física são compatíveis com muitos mundos possíveis: pode não haver terra, não haver vida, não haver humanos».

⁹ Bastará mencionar o incontornável *Portugal, hoje: o medo de existir*, Lisboa, Relógio d'Água, 2007.

¹⁰ Stephan Fuchs, *From Theory to Critique of Modernity. The Development of Simmel's Sociology*. Michigan Sociological Review, (5), 1991, pp. 1-18.

¹¹ Einstein e Infeld partiram precisamente desse postulado para definir a teoria da relatividade: «A descontinuidade substituiu a continuidade», in Albert Einstein & Leopold Infeld, *The evolution of physics. From early concepts to relativity analysis*, Cambridge, Cambridge University Press, 1938, p. 312, minha tradução.

¹² Retomo um conceito de Mona Chollet em *Chez soi. Une odyssee de l'espace domestique*, Paris, La Découverte, 2015.

¹³ Etienne Klein, *Les tactiques de Chronos*, Paris, Champs sciences, 2009, p. 205.

José Gil evidencia a que ponto o paradigma existencial de hoje não é durável pela aceleração e disrupção permanentes, mostrando, no entanto, que não dispomos de modelos que permitam prever, pré-escrever. Ainda assim, a obra antecipa, pressente¹⁵, e irá propor uma reescrita coletiva, numa tentativa de reinventar uma organização social, já que a natalidade do ser humano é permanente. Além da filosofia, outras disciplinas se têm empenhado na missão de ler o agora e antecipar futuros, como é o caso da probabilística¹⁶ utilizada por governos e instituições internacionais. Outras concepções inovadoras, como as do estatístico e epidemiologista sueco Hans Rosling¹⁷, propõem literalmente uma releitura do mundo e dos factos que pensamos conhecer, a propósito de temáticas como a paridade, o aquecimento global, as migrações ou a pandemia.

Em *O Tempo Indomado*, a atual epidemia é apresentada como uma variação do problema existente entre a natureza e a modernidade, e salienta-se de que modo a refundação é vital após a presente crise. Necessitamos de uma solução outra que resgate a humanidade – o aparecimento, *in extremis*, de uma utopia dos «universais afetivos» (p. 149) inspirada em movimentos sociais atuais como *Me too* ou *Black lives matter*. Desenha-se assim um horizonte de esperança na última secção da obra, quase uma cadência perfeita que conforta o leitor, sugado nos textos anteriores pelo vórtice do caos mortífero atual, e pelos cenários claustrofóbicos futuros. Depois do clímax abíssico, o último texto repousa numa utopia criada pela disseminação existencial de uma humanidade movida pelos afetos. Esta sobrevivência contagiante convoca, de forma direta ou intuída, os ideais de Vieira ou de Pessoa na criação de um império espiritual quimérico. José Gil desvela uma nostalgia do futuro, que se oponha a um devir conturbado ou até inexistente. Os tempos expetantes atuais não trouxeram novas soluções, nem alteraram as devastadoras previsões climáticas, sociais ou políticas. Pelo contrário, o contexto epidémico conduziu a novas disrupções e determinismos como a ascensão das extremas-direitas, o medo do outro – foco de contágio ou de diferença –, assim como a soberania do virtual ou a instabilidade dos horizontes espetáveis. Destas distopias emerge uma utopia dos ideais afetivos que permitirá assim retomar o controlo sobre os tempos-devires e reedificar a esperança.

¹⁴ Marc Augé, *Où est passé l'avenir ?*, Paris, Editions du Seuil, 2011. «Para onde foi o futuro?».

¹⁵ «*Sentir* significa perceber, *pressentir* quer dizer então, em sentido menos lato, perceber antecipadamente», in Friedrich-Wilhelm Von Herrmann, *Agostino e la domanda fenomenologica sul tempo*, Bari, Edizioni di pagina, 2015, p. 63.

¹⁶ Dan Gardner e Philip Tetlock, *Superforecasting: The Art and Science of Prediction*, New York, Crown, 2015.

¹⁷ Hans Rosling, *Factfulness*, New York, Flatiron Books, 2018, tradução portuguesa na Temas e Debates. Hans e Ola Rosling desenvolveram ainda o projeto Gapminder que está disponível em «<https://www.gapminder.org/>».

O Tempo Indomado revela de que forma até 2020 o planeta aparentava ser permanentemente acessível e ilimitado, com o capitalismo global em aceleração constante. Com a epidemia, o mundo fechou-se, tornou-se opaco, indecifrável e mudo. Multiplicaram-se as teses conspiracionistas, as vozes extremistas fizeram-se audíveis e estrepitosas, as perspectivas foram esbatidas e anuladas, os devires prevêm-se descontrolados. José Gil retoma a teoria física e matemática do caos e aplica-a à análise do processo criativo da arte, a uma leitura do transitório, e a projeções temporais. Edward Lorenz criou esta teoria a partir do estudo de sistemas não lineares concluindo que a mais ínfima mudança nas condições iniciais determina resultados totalmente díspares¹⁹. Em *O Tempo Indomado* será este o princípio aplicado à observação e às projeções futuras, nos planos da catástrofe ambiental, da recessão económica e do caos político (p. 144). Das futuras violências descontroladas surgirão pulsões utópicas que permitirão restituir ao ser humano alternativas que libertem da angústia e da vertigem, da irregularidade e do tumulto (p. 12).

José Gil salienta a que grau a modernidade se tornou inviável pela aceleração e ameaça apocalíptico-claustrofóbica. Outra organização é necessária para gerar uma transmodernidade que permita refrear o caos letal. A filosofia, com a missão de «pensar em tempos de fim de mundo» (p. 12), continuará o diálogo sobre o tempo indomado, imprevisível e estocástico, onde todos os devires são possíveis, até o da existência. O último texto da obra, «Catástrofe e revolução» (pp. 117-152), incita assim a uma pulsão vivencial, à edificação de «Um outro mundo possível» (p. 140) baseado em linhas de fuga, numa construção quimérica que reclama para o discurso filosófico um apelo à ação²⁰. José Gil tece uma poética do futuro, com campos semânticos que oscilam entre o presente catastrofista e o devir idealizado. As temporalidades arquitetam-se numa retórica da probabilidade, da escolha, resgatando-nos à devastação e propondo uma ucronia. No contexto atual, em que a irreversibilidade parece esmagar o possível, apenas novas perspectivas do caos criativo poderão devolver-nos o futuro, como no texto que encerra a obra, um ensaio para o começo dos tempos.

Ana Paixão

¹⁸ Etienne Klein, *op. cit.*, p. 216. «É preciso aprender a amar o irreversível».

¹⁹ O estudo de Edward Lorenz aplicava-se inicialmente à previsão atmosférica, como o mostra o artigo «Deterministic Nonperiodic Flow» in *Journal of the Atmospheric Sciences*, Volume 20: issue 2, 1963. Lorenz prova neste artigo que num sistema não linear, as multiplicações durante os processos iterativos amplificam as diferenças de forma exponencial. Múltiplas aplicações desta teoria têm sido feitas a outras disciplinas como, por exemplo: Steven Strogatz, *Nonlinear Dynamics and Chaos, with applications to physics, biology, chemistry, and Engineering*, Philadelphia, Westview Press, 2015.

²⁰ Sobre filosofia e ação, veja-se por exemplo o contributo de Alexandra Makowiak, «Paradoxes philosophiques de l'engagement» in Emmanuel Bouju (dir.), *L'engagement littéraire*, Rennes, Presses universitaires de Rennes, 2005.